

OS EXPOSTOS E A SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DA PARAHYBA (1860 – 1889)

Michael Douglas dos Santos Nobrêga¹

Serioja R. C. Mariano²

Wilton Meireles da Cunha³

O presente trabalho é parte integrante do grupo de pesquisa “Sociedade e Cultura no Nordeste Oitocentista” da UFPB, vinculado ao CNPq, e tem por objetivo retratar o cotidiano dos enjeitados que eram entregues à Roda dos Expostos da Santa Casa de Misericórdia na cidade da Parahyba, trazendo um recorte entre os anos de 1860 à 1889. Foi realizado um levantamento inicial de dados, baseados nos documentos existentes no arquivo da Igreja da Misericórdia que conta com relatórios dos provedores da Santa casa, folhas de pagamentos dos funcionários, livros dos expostos, entre outros. Nosso intuito é discutir a inserção das rodas de expostos no contexto imperial, bem como observar e caracterizar as especificidades do funcionamento da mesma, atentando para o período social em estudo.

Palavras chave: Enjeitados, Brasil Império, Santa Casa, Roda dos expostos.

Para que possamos compreender o funcionamento da Roda dos Expostos na Paraíba, iremos fazer uma breve abordagem sobre a história das primeiras casas de acolhimento no Brasil. A primeira Santa Casa da Misericórdia surgiu no Rio de Janeiro em 1582, com o objetivo principal de fazer caridade aos desprovidos baseados no Compromisso de 1516, que operava da seguinte forma:

Ensinar os ignorantes, dar bom conselho, punir os transgressores, consolar os infelizes, perdoar as injúrias recebidas, suportar as deficiências do próximo, orar a Deus pelos vivos e mortos, resgatar cativos e visitar prisioneiros, tratar os doentes, vestir os nus, alimentar os famintos, dar de beber aos sedentos, abrigar os viajantes e os pobres, sepultar os mortos (Russell-Wood, 1981, pp. 14-5).

Ela tinha como função inicial cuidar dos doentes e administrar cemitérios. Logo depois ela adquiriu um hospital e continuou a fazer obras caritativas cuidando dos enfermos. Devido ao aumento da população e a notável divisão de classes muitas crianças passaram a ser abandonadas pelos seus genitores. Desde os tempos coloniais essa prática de abandono de

¹ Graduando em História pela Universidade Federal da Paraíba. Contato: michaeldouglassn@hotmail.com.

² Orientadora. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Sociedade e Cultura no Nordeste Oitocentista (CNPq/UFPB).

³ Graduando em História pela Universidade Estadual da Paraíba. Contato: wilton.cunha@live.com.pt.

menores é freqüente, devido a diversos fatores como a imposição religiosa, questões financeiras, morais, sociais, entre outros. Com o aumento dessa ocorrência no Brasil a Santa Casa da Misericórdia sentiu a necessidade de recolher e abrigar essas crianças, por serem eles seres frágeis e dependentes. Sendo assim careciam de um tratamento especial e diferenciado, instituindo no Brasil a Roda dos expostos. A primeira “Casa de Expostos” no Brasil surgiu em Salvador em 1726. Em 1738 foi criada no Rio de Janeiro a “Casa da roda”⁴ ou casa dos expostos, criada com o objetivo de acolher crianças abandonadas⁵. (Gonçalves, 1995, p.191).

A roda dos expostos funcionou na Igreja da Misericórdia na Cidade da Parahyba do Norte, atual João Pessoa, e tinha por finalidade receber crianças órfãs e abandonadas pelos seus pais, com o intuito de oferecer condições de vida digna a essas crianças. A partir do levantamento inicial foi identificada a documentação no arquivo da Igreja da Misericórdia – relatórios dos provedores da Santa Casa, folhas de pagamentos dos funcionários, livros dos expostos e atas da mesa administrativa da Santa Casa, toda a documentação referente ao período de 1860 a 1889. Em geral, inicialmente foi feita uma leitura da documentação, registrando-se especificidades e ocorrências relativas à roda dos expostos.

A Igreja católica e a sociedade eram muito ligadas aos bons modos e bons costumes. Ter um filho fora do casamento, como também das moças que se tornaram mães solteiras era algo terrível na época. Esses valores morais perduraram durante séculos. No século XVIII a população havia crescido de forma assustadora, o que comprova isso é a quantidade de filhos por casal, que na maioria das vezes oscilava entre 10, 12, 15... Com o crescimento da população e com o desenvolvimento das cidades as desigualdades sociais transpareceram e com ela a fome, pobreza, doenças, prostituição se tornaram frequentes no Brasil. Devido a essa religiosidade muitos filhos concebidos fora do casamento e também de famílias pobres eram abandonados nas portas de pessoas ricas, Igrejas, instituições, hospitais etc.

Vale ressaltar que não era apenas a Santa Casa de Misericórdia que trabalhava com o acolhimento e criação dessas crianças, existia outros tipos de asilos para o recolhimento das mesmas, como o “Depósito de expostos”, “Casa dos expostos”, “Casa da Roda” etc. Segundo Rocha (2005) Esses lugares tinham como característica comum o fato de não oferecerem condições adequadas de higiene e recursos necessários para os cuidados requeridos por recém-nascidos e crianças pequenas. Ademais, neles se registravam inúmeras situações de maus tratos e utilização de castigos físicos. Em muitas casas de expostos, como o Educandário Romão de Mattos Duarte, que funcionava no Rio de Janeiro, o mau trato aos expostos era uma prática

⁴ Esta roda original está em exposição permanente no museu do Instituto Histórico e Geográfico brasileiro (IHGB).

⁵ Logo depois, se tornou a Fundação Romão Duarte, que recolheu expostos até os anos 30.

constante, e com isso a mortalidade das crianças era muito grande. Seguindo nesse pensamento, Moncorvo Filho (1998) faz uma breve explanação da situação dos asilos de menores da época:

O asilo, tal qual concebiam os antigos, era uma casa na qual encafurnavam dezenas de crianças de sete a oito anos em diante, nem sempre livres de uma promiscuidade prejudicial, educadas no carrancismo de uma instrução quase exclusivamente religiosa, vivendo sem o menor preceito de higiene, muitas vezes atrofiadas pela falta de ar e de luz suficientes. Via de regra, pessimamente alimentadas, sujeitas não raro, a qualquer leve falta, a castigos bárbaros dos quais o mais suave era o suplício da fome e da sede, aberrando, pois, tudo isso dos princípios científicos e sociais que devem presidir a manutenção das casas de caridade, recolhimentos, patronatos, orfanatos, etc, sendo conseqüentemente os asilos nessas condições, instituições condenáveis. (Moncorvo, 1998, p. 194-195)

Mas os maus tratos não aconteciam apenas dentro dos limites das Santas Casas, na maioria das vezes ocorriam no momento do abandono, como o acontecido no ano de 1874 na cidade da Paraíba:

Foi encontrada em uma noite invernosa, exposta em uma calçada do ermo becco das Mercês, uma recém-nascida, que quase é esmagada pelo cidadão, que a encontrou. Em vista do lugar, e a ocasião parece, que Ella foi propositalmente exposta a um de três gêneros de morte violenta. Asphixia, pela água das goteiras, que sobre esta cahiam, pisada, ou devorada pelos animais que vagam soltos a noite pela cidade. (Lindolfo Corrêa das Neves, 1874).

Um dos meios que favoreciam o abandono através da roda está relacionado à questão com a ocultação da identidade de quem as abandona. Não se sabiam quais os motivos reais pelos quais essas crianças eram enjeitadas, por isso muitas pessoas recorriam a esse mecanismo para manter sua identidade no anonimato. A Santa Casa não podia recolher as crianças abandonadas nas ruas da capital, segundo a fala da época: por não ter verbas suficientes para cuidar dos mesmos. Ela só criava os expostos que eram abandonados na roda ou no hospital da Caridade⁶, que funcionava do lado da Igreja.

O quadro a seguir traz algumas informações a respeito do acolhimento de crianças enjeitadas no período de 1869 a 1889.

⁶ O hospital da Caridade era de administração da Santa Casa da Misericórdia e funcionava ao lado da Igreja da Misericórdia, anexo ao templo. Muitas crianças entravam no processo de serem pensionadas da Santa Casa por serem órfãs ou mesmo por terem sido abandonadas no referido hospital.

FONTE: Livro dos expostos da Santa Casa de Misericórdia da Parahyba, relativo ao período de 1869 a 1889.

Observando esses dados é possível caracterizar o funcionamento da instituição da Santa Casa de Misericórdia. Podemos verificar que a irmandade preocupava-se com todos os detalhes referentes aos expostos recém chegados a casa. Logo após a criança ser deixada na roda e o sino ser emitido, as freiras da igreja recolhiam e verificavam as situações físicas das crianças. Era realizado um registro inicial onde consta dados como nome, cor da pele, idade, data em que foi

exposto na roda, data de batismo - este era realizado pela própria irmandade, pois esta tinha uma preocupação com a vida espiritual das crianças que em alguns casos chegavam a casa com a saúde muito debilitada e acabavam falecendo – “creadeiras” e endereço de moradia.

Este registro inicial já servia pra designar as crianças e dividi-las em grupos obedecendo a critérios relativos à sua cor. Partindo desse pressuposto, podemos observar que as crianças que eram destinadas a roda dos expostos, não eram necessariamente negras e pobres. Como é o caso da Etelvina e do Pedro, de cor branca.

Após efetuado o registro inicial e tomadas todas as providências, os expostos da Santa Casa da Misericórdia eram entregues a irmãs e a mordomos, ambos funcionários da instituição, da capital, que recebiam uma quantia de 7, 000 (sete mil réis) para o sustento e manutenção dos expostos. Muitas vezes essas crianças eram auxiliadas por fiéis ligados a Igreja, que entregavam alguns bens como roupas e calçados. Essas “creadeiras”, como eram chamadas, eram na maioria pobres e tinham como função cuidar das crianças “com amor fraternal”. Elas eram dispostas e se dedicavam completamente a esse ofício. Há relatos de criadeiras que se apegavam de tal maneira fraternal a esses seus “filhos de criação”, que se sentiam contrariadas quando presumiam que a criança seria retirada de seus cuidados. Vale ressaltar que as crianças eram entregues a essas criadeiras, logo quando novinhas, muitas vezes recém-nascidas, isso explica o afeto dessas mulheres pelas crianças. Já houve casos em que muitas vezes elas preferiram abrir mão do pagamento que recebiam ao invés de abrir mão da criança que iria ser cuidada por outra ama. Um exemplo disso aconteceu na penúltima sessão que a mesa celebrou a 25 de junho de 1884, em que a “creadeira” Joanna renunciou desde então sua mensalidade pela criação da exposta Maria, que gratuitamente continuou a seu cargo. “Essas mulheres cumprem os sagrados deveres da humanidade e da religião cristã”⁷. Atesta o relato do provedor, que observa atentamente a criação dessas crianças e o empenho que lhes é atribuído.

Mandei vir perante a mesa todos esses expostos, e observamos com praser, que todos estavam bem vestidos e de perfeita saude. O Irmão Mordomo, encarregado de vigiar o tratamento d'esses infelises órfãos, os há visitado por veses, e nada tem encontrado digno de censura. As creadeiras teem para com essas crianças o amor de mãe, e ficam sobretudo contrariadas quando presumem, que se pretende tirar de seo poder esses seus filhos de criação. Quasi todas preferem não receberem a paga, que lhes dá o estabelecimento, com tanto que não se lhes tire os expostos.

Tudo isto é por certo muito humano, por que prova de a S. Casa tem sido feliz na escolha das creadeiras dos expostos, e demonstra que é o sentimento de humanidade e não o vil interesse que anima essas mulheres. Mas é a força de convir, que, passada a epocha da amamentação, e quando principia

⁷ Segundo o relatório feito pelo mordomo José Bezerra Cavalcante de Albuquerque em 2 de julho de 1874.

em que se deve tratar de designar a educação moral das crianças, cumpre que os expostos estejam mais sob a immediata inspeção da S. Casa. (grifos nossos)

Neste trecho do relatório do Mordomo Felizardo Toscano de Brito, apresentado em 2 de julho de 1865, podemos observar que era realizado um acompanhamento dos expostos, onde os mordomos e provedores eram responsáveis por realizar essa inspeção, fiscalizando o tratamento que era dado as crianças e como estava a saúde das mesmas.

Um fato que era bastante desagradável para as creadeiras e mordomos era a suspensão das mensalidades dos expostos. A Santa Casa não possuía recursos que possibilitasse a criação dessas crianças por mais tempo, por isso a suspensão das mensalidades era algo necessário. As mensalidades dessas crianças eram empreendidas quando eles atingiam a idade entre 7 ou 10 anos. Muitas vezes essas crianças não eram entregues a famílias honestas, ou não ficavam com as mesmas amas de criação sem receber o auxílio da Santa Casa, elas eram novamente expostas as ruas e talvez, “impelidas pela lei fatal de necessidade, serão forçadas a precipitar-se nos vossos desejos de prostituição e miséria”(Cavalcante, 1884).

Ainda com base nos registros da Santa Casa, pudemos observar que algumas crianças eram requeridas junto a instituição. Os atos de reclamação pelos expostos eram constantes na instituição, onde a família da criança abria um processo de reclamação na Santa Casa pedindo a guarda da mesma. Esse processo de reclamação e petição da guarda era facilitado pelos objetos que eram encontrados com as crianças no momento do recolhimento, pois a Santa Casa já os guardava no intuito de facilitar esse processo de devolução da criança quando a mãe voltasse. Esse processo de reclamação consistia numa análise que a mesa da Santa Casa fazia sobre a dita família do exposto, para ver se ela possuía vínculos de parentesco com os expostos e para poder analisar se ela iria criar com amor e poder dar um bom futuro para o aludido exposto. Além dessas análises a Santa Casa geralmente pedia uma “quantia” como forma de pagamento pela criação da criança. Muitos processos desse tipo foram negados pela mesa da Santa Casa, a razão está, basicamente, na forma em que essa criança foi abandonada. Conforme exemplo abaixo:

Ainda não está esquecido esse facto bárbaro e revoltante, quando foi encontrada a dez horas em um monturo, que existe no funda da Igreja de N. Senhora das Mercês, entre os mattos, outra recém-nascida, que só deveu não ser devorada pelos animaes, que ali pastam, a circustancia de estarem os armadores trabalhando à noite n'aquella Egreja, ouvirem os gemidos da infeliz.

Hoje a intitulada mãe a reclama, e **tenho recusado entregar-lhe-a** porque seu amor materno foi minimamente tardio para me inspirar confiança. São factos animados pela impunidade, que é urgente reprimir. (Lindolfo Corrêa das Neves, 1874)[grifos nossos].

Com relação à educação que era concedida as crianças, esta se dava por meio de suas criadeiras. Essa questão educacional muito preocupa os membros da Santa Casa, por saberem que a educação era essencial para garantir o futuro dessas crianças. Que muitas vezes, por não saberem preceitos básicos da educação, estavam propensas a serem acometidas a marginalidade, logo após a saída dos domínios da Santa Casa. As amas suprem o quanto é possível, a falta de um colégio e um educandário de órfãos. E isso se tornou uma preocupação patente que os provedores, mordomos e criadeiras tinham. O relatório do provedor Gama e Mello expõe claramente essa questão da falta do educandário⁸:

Tractando d'este assumpto, não posso deixar de lamentar a falta de azilos próprios para a educação doas creanças abandonadas. Aos poderes publicos compete meditar sobre a fundação do estabelecimento d'esta natureza, não quais as creanças de um e de outro ser continham as esperanças no futuro, que não lhes pode ser doto por suas mães adoptivas. (Gama e Mello, 2 de julho de 1886).

O Provedor J. Bezerra Cavalcante também expõe sua opinião sobre a falta de um educandário na Santa Casa, em relatório enviado a mesa no ano de 1884:

É para lamentar, porém, que a Santa Casa e o governo da província não disponham de meios para o estabelecimento de um asilo orphanologico, destinado a edificação dessas crianças e d'outros tantos que infelizmente inundão as ruas de nossa capital, e mais tarde, talvez, impellidas pela lei fatal de necessidade, sejam forçadas a precipitar-se nos vossos desejos da prostituição e da miséria.(Cavalcante, 1884).

A Santa Casa necessitava do apoio da província para continuar a fazer suas obras caritativas. Esse apoio era fundamental para que as obras da instituição não parassem. Ela tinha vontade de construir um asilo e um colégio de órfãos, semelhante ao do Rio de Janeiro⁹ mas os recursos que ela dispunha não possibilitavam tal feito. Com isso o contato e a busca de recursos aconteciam. Os esforços dos provedores e administradores da Santa Casa está presente na documentação e nos mostra o empenho dessas pessoas na busca de recursos. Essa falta de recursos é explicitada no relatório do Provedor Lindolfo Corrêa das Neves, em 1862:

Somente vos digo isto para tornar-nos sensível o abandono, em que nossa falta de recursos ainda nos obriga a deixar aquelles infelizes, que a providencia nos confiou, de graves nós poderíamos fazer optimos cidadãos, artistas, indrustiosos e bons Paes de família. (Neves, 1862)

A preocupação com o futuro do exposto, depois que esse era desamparado pela Santa Casa era grande. Existiam mulheres que amparavam as expostas para iniciá-las na prostituição, esse era o principal objetivo das Antônias. Já os rapazes que não eram amparados podiam

⁸ Na província de Pernambuco o colégio de órfãos foi instalado em 1835, no convento de Santa Tereza em Olinda, onde ficava a antiga ordem dos carmelitas descalços. (Nascimento, 2006, Pagina 231).

⁹ A Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro conseguiu criar um asilo e um educandário para a criação dos enjeitados. Graças ao português Romão de Mattos Duarte, que em 1738 doou o estabelecimento para a criação do asilo.

trabalhar como grumetes. Por isso se vê uma preocupação maior da Santa Casa com as meninas, oferecendo-lhes até mesmo dote para casamento.

Enfim, a Santa Casa cuidava desses expostos e tentava suprir as carências, que julgava de mais importância dos mesmos, sendo essas crianças vítimas da sociedade na qual estavam inseridas e vítimas da violência, na qual parte delas sofriam quando eram deixadas. Sendo as mesmas encaminhadas para a inclusão social, e direcionadas para famílias de bom caráter social. Dessa forma, pudemos observar as relações sociais que transitam entre a Santa Casa, os expostos e a sociedade Imperial Paraibana, tendo a Santa Casa grande importância para a formação da sociedade, pois por meio desta Pia Instituição as práticas caritativas na Parahyba do Norte eram realizadas.

Referências bibliográficas:

- Chaves, A. (2004). *Significado de infância: a proteção à infância oferecida pela Santa Casa de Misericórdia na Bahia do século XIX*. Bahia.
- Faria, S. C. (1998). *A colônia em movimento. Fortuna e família no cotidiano colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Nascimento, A. C. (2006). As crianças enjeitadas e os perigos da perdição no Recife (1800-1832). *Territórios e fronteiras; Revista do programa de pós-graduação em História da UFMT*, v.7, nº1, jan/jun 2006 (pp. 229-241).
- Sá, I. G. (1998) Práticas de caridade e salvação da alma nas Misericórdias metropolitanas e ultramarinas (séculos XVI a XVIII): Algumas metáforas. *Oceanos (Dossiê “Misericórdias: Cinco séculos”)*, Lisboa, comissão nacional para as comemorações dos descobrimentos portugueses, nº35, jul/set, PP 42-50.
- Samara, E. M.. (1989). *As mulheres, o poder e a família*. São Paulo, século XIX. São Paulo: Editora Marco Zero.
- Seixas, W. N. (1987) *Santa Casa da Misericórdia da Paraíba – 385 anos*. João Pessoa: Gráfica Santa Marta.
- Relatório do provedor da Santa Casa da Misericórdia de 1861.
- Relatório do provedor da Santa Casa da Misericórdia de 1862.
- Relatório do provedor da Santa Casa da Misericórdia de 1863
- Relatório do provedor da Santa Casa da Misericórdia de 1870.
- Relatório do provedor da Santa Casa da Misericórdia de 1874.
- Relatório do mordomo da Santa Casa da Misericórdia de 1865.
- Relatório do mordomo da Santa Casa da Misericórdia de 1870.
- Relatório do mordomo da Santa Casa da Misericórdia de 1874